



Suas Magestades e Altas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

O ladrão valido passa sem o
menor incommodo em sua im-
portante saude.

ROZARIO

Da viagem aerostatica de madame Ber-
trande Senqes (sem calembourg.)



A's 4 horas e 3 minu-
tos, estando o aerosta-
to com uma barriga
das dimensões da do
dr. Albano, havendo
obtido passaporte do
exm.º marquez de Fron-
teira — emprehendi a
viagem mais espantosa
que se conhece desde
Montgolfier até mr.
Arban.

O vento soprava do norte, e em 5 mi-
nutos estava fóra do alcance da vista.

Foi este um momento de grande sensa-
ção para mim. Ao longe avistava o palacio
da calçada da Estrella, e fronteiro a elle o
do Dultra ambos a *sumirem se*, donde
deprehendi que foi preciso sumir muito
dinheiro a esta invia nação para elles es-
tarem de pé; o Tejo assemelhava-se a uma
fita, e a multidão apresentava a configura-
ção de percevejos.... Tive comichão, e
resolvi deitar lastro fóra. A temperatura
da atmospha era de capilé morno, e o
thermometro de Reaumur marcava capote
de camelão, o que, segundo o de Fah-
renheit, quer dizer calorico de fatia torrada.

Subi rapidamente, e elevei-me então a
uma prodigiosa altura; appliquei o telesco-
pio, e confesso que a minha surpresa che-
gou a surprehender-me. O que descobri?
Lisboa vista de passaro ou a *vol d'oiseau*
tinha o aspecto de um immenso pinhal ou
charneca — o que dá a razão explicativa de
todos os roubos dos cabraes.

Davam 4 horas e um quarto no relógio
do Meridiano (o que na verdade me pareceu
grande absurdo) e eu tocava na *Esphera óca*.
Foi aqui nesta região sublime que fiz uma
perfeita idéa da cabeça do sr. Recta Pronun-
cia. Acolhida com a maior affabilidade pelo
administrador do bairro, que é um completo
cavalheiro *estrellado* — larguei carga ou
aljije, e peguei comigo no *Orisonte appa-
rente*, imagem exacta da sciencia do ca-
dastrone.

Devo dizer em abeno da verdade que

muito me maravilhon um Polo a tocar rebe-
ca, pois os sons que tirava do instrumento
lembravam o *immortal* Paganini, que mor-
reu o anno passado.

Começou o frio de volta comigo — o ha-
rometro de penna de pavão marcava sor-
vete de morango, loja do Rocio. Muni-
me d'um cobertor de papa, que me em-
prestou uma velha, avó do Adulterio Gau-
ganelli, assistente no Zenith N.º 15, 4.º
andar, e eis-me a caminho para o *Zodia-
co* como quem vai para a Outra Banda.

A's quatro e meia entrava em *Tauro*.
Bemdigo a hora da minha chegada. No
Tauro habitam os meios-bois do sr. Avila;
animaes de uma gordura pasmosa e de um
caracter urbano e delicado. Lamberam me
em signal de reconhecimento, e encarrega-
ram me da importante mensagem para S.
ex.º a fim de que inventasse as meias-
vacas, visto que a femea criou se para o
macho.

Demorei-me poneo nos *peixos*, porque
estavam pulando para ir para a frigidieira,
em louvor do seu patrono o Irmão Afonso
d'Albuquerque, e dirigi-me sem cerimonia
para a *Libra*.

Necessito neste ponto dar nova explicação.
A *Libra* queixa se amargamente do conde
de tomar. Este conde, julgando que era
libra sterlina, teve o arrojio de empregar
todos os esforços para a roubar! E' inau-
dito, é infame, mas verdadeiro!!

D'aqui passei ao *Aquario*, que não deita
nem pinga d'agua depois da sahida do mi-
nisterio do sr. Sá Vargas; demorei-me
pouco nos *Gemeas*, porque em sendo conta
de dous recordava-me dos dous Cabraes,
e eu tinha muito medo que me roubassem
o balão; passei como gato por brasa, pelo
leão, pois poderia estar assanhado, e dei-
xando á mão direita o *caucro*, visitei o
capricornio, onde nascem as excellentes
cabras d'Algodres da apurada raça da fa-
milia feudal d'estes reinos.

Continuando na direcção do sul, tendo
felizmente salvado o Tejo — pareceu-me
prudente descer e abri para este effeito a
valvula. Eram cinco horas menos dous
minutos, se acaso andava certo o relógio
d'um pardal que passava todo esbaforido.
Desci pois com a maior suavidade possivel
n'um logar denominado Sarilhos, e pas-
mei de não ver nem fusos nem rocas, e
unicamente um homem mal encarado se-
guido d'outros, que me acolheu com estas
palavras: «E' preciso que assigne a favor
da lei da imprensa, quando não, não con-
sentimos que deite fóra o resto do gaz.»
Com quanto mal percebesse estas palavras
— annui; pelo que se acceo a minha assi-
gnatura apparecer em algum papel que por
ventura me possa comprometter, desde já
protesto á face de todos os balões da Eu-
ropa que estive coacta.

Agradecendo ás diversas nações que me
obsequiaram, conclue declarando para

tranquillidade de todos — que o balão passa
sem novidade em sua importante saude, e
acha-se penetrado d'um beraco e da mais
viva gratidão.

As sete maravilhas de Portugal.

- A seringa do Albano em tempo de paz.
- O coração do Recta Pronuncia em tempo
de guerra.
- O meio boi do Avila.
- As unhas do conde de tomar.
- As gravatas do Bayard.
- O coração maternal.
- A unha da palma do José dos Conegos.

Recetta para fazer papelão.



oze-se em sufficiente
agua meio Avila e
meio boi, feito isto
mistura-se-lhe meia
libra d'aparas de ca-
dastro seco, e meia
libra de moelas de
pavão raladas com
uma arroba de esto-
pa, e dois quartilhos
de embofia de trinta

e dois grãos; depois d'isto tudo voltar ao
fogo, filtra-se por papel pardo, e logo de-
pois se reduz a uma especie de massa ge-
latinosa, com a qual se forma o papelão,
vulgo papelão Avila. Sem os ingredientes
citados não é possivel fazer um papelão
superior.

Dizem que o conde de tomar tem
roubado mundos e fundos; estamos
convencidos que só tem roubado fundos.

DISCURSO

Do nobre visconde Laborim na sessão de
10 do corrente.



enhor presidente. —
A lei da imprensa
toca-me no cume da
sensibilidade; no en-
tanto é uma coisa
eroscantica o poder
cada um andar a con-
tar os guardanapos
pela casa alheia. Com
a lei da imprensa
actual, pôde qual-
quer jornalista saber
quantos guardanapos
tem em casa o nobre

conde de tomar. A liberdade, senhor presidente, periga logo que se saiba o numero d'esses guardanapos. Suppunhamos que S. ex.º tem 2300 guardanapos, e que eu só tenho 12, a differença é de 2288!!! E para que ha-de o paiz vir no conhecimento desta differença? Para que ha-de saber se os guardanapos são de linho ou de algodão?

E' bom que haja liberdade de imprensa para desmascarar os roubos dos Cabraes! Este absurdo seria a ruina da monarchia se fosse admissivel.

Pois alguém tem ou deve ter o direito para se informar das ladroeias dos dois honrados irmãos?! Tenho as faces baucha das de Igrimas, tenho o nariz intupido, se lembrar-me qte se fazem taes accusa

ções a homens veteranos no roubo! Sr. presidente, para que serve a imprensa?

O sr. duque da Terceira—Para imprimir.

O orador—A imprensa tem sido nimiamente vertiginosa, tem sido um tresvario em que por muitas vezes se confundiram alhos com bogalhos, tem-se confundido o sofisma com a rasão, a mentira com a realidade, piugas com meias compridas; por causa da imprensa povos irmãos pugnano por iguaes principios, tem ajudado a cacheirada. Os primorosos jardins do Passeio Publico acham-se na maior parte destruidos, suas mimosas flôres murchas e decepadas, tudo isto pelo que se tem escripto nos paizes onde a imprensa é livre. Sr. presidente, tenho de voltar aos guarda-

napos. Que precisão tem as potencias do norte de saber se depois de jantar limpamos os dedos ou não? Approvo pois a lei repressiva dos abusos da liberdade de imprensa, addicionando-lhe o seguinte artigo:

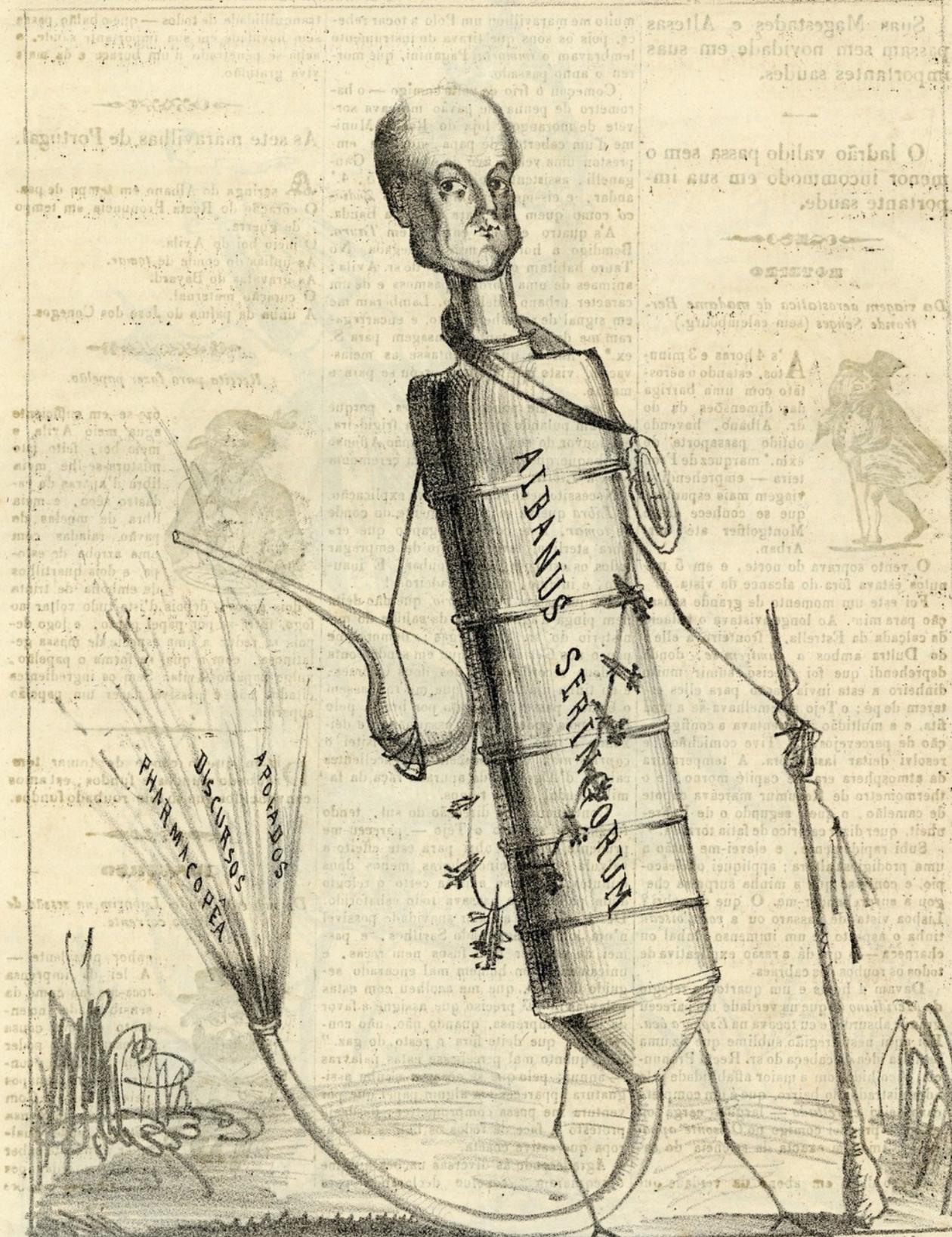
« Ninguem poderá escrever contra a roupa suja. »

Entrando em discussão este artigo, foi approved por unanimidade.

O sr. visconde de Laborim, findo este discurso, foi levado a cavallo ás cabritas por alguns colegas, e desde o Forum até á sua habitação foi victoriado pelo povo, gritando: « Zurra sonoro qual jumento em Maio José Joaquim Gerardo de Sampaio.

EDITOR RESPONSÁVEL — M. J. COELHO

Typ. de M. J. Coelho — R. do P. dos Negros, n. 54



HYPERION.